



RAMALHO, Christina. A representação cultural da poesia épica de autoria feminina: uma metodologia para a investigação de textos épicos. In: CAVALCANTI, Ildney, LIMA, Ana Cecília Acioli & SCHNEIDER, Liane. *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: EDUFAL, 2006, p.105-114.

## A REPRESENTAÇÃO CULTURAL DA POESIA ÉPICA DE AUTORIA FEMININA: UMA METODOLOGIA PARA A INVESTIGAÇÃO DE TEXTOS ÉPICOS

Christina Ramalho (UVA/RJ)

Situada num momento “multi” dos “feminismos”, de onde brotam: a consciência do rompimento iminente de dicotomias culturalmente arraigadas como corpo X mente, homem X mulher, amor X sexo, público X privado, etc.; a precariedade (e a instabilidade) de conceitos como, por exemplo, os de “mulher”, “homem”, “família”, “instinto”, “hereditariedade”, “sexualidade”, etc.; além da extenuante inter-relação de teorias de naturezas diversas (filosófica, psicanalítica, antropológica, sociológica, cultural, histórica, biológica, genética, etc.) a influenciar a formação do pensamento feminista; a pesquisa realizada desde 1996, que, em 2004, resultou na tese *Vozes épicas: História e Mito segundo as mulheres*, destaca, entre outros, aspectos que pareceram mais relevantes, em relação à crítica feminista, para a fundamentação filosófica e metodológica da investigação de obras literárias, levando em conta a especificidade de seu objeto — a produção épica. O interesse pela poesia épica escrita por mulheres deu-se a partir da constatação de ser esse tipo de produção um dos últimos desafios enfrentados por escritoras, mundo afora, em termos de reconhecimento literário e cultural de sua escritura, dado que o épico, habitado por heróis de força hercúlea e grande mobilidade espacial, sempre fora reduto de escritores.

Maior estímulo para a investigação veio, todavia, do contato com número expressivo de poemas longos, escritos por mulheres, nos quais se percebem tanto a intencionalidade do registro histórico como a imbricação do mito na narrativa dos fatos registrados. Amparada pela *Semiotização épica do discurso*, teoria semiológica de Anazildo Vasconcelos da Silva que, em 1984, resgatou a trajetória do épico na literatura ocidental, pude reconhecer como épicos as obras: *Poema épico-trágico* (1777), de Teresa Margarida

da Silva e Orta, no qual uma mulher, injustiçada e mitificada pela clausura, apela pela liberdade fazendo referências a uma história privada; *A lágrima de uma caeté* (1849), de Nísia Floresta, que faz uma leitura transgressora, em relação ao indianismo romântico, da questão da sobrevivência do índio no Brasil; *Romanceiro da inconfidência* (1953), de Cecília Meireles, que representa, além de um espaço aberto a múltiplas vozes históricas e míticas, um degrau significativo conquistado pela mulher no percurso historiográfico da Literatura Brasileira; *Poema de Chile* (1967), de Gabriela Mistral, no qual a identidade cultural chilena é revelada num interessante diálogo entre uma mulher morta e um menino atacamenho e diaguíta; *Romanceiro de Anita e Garibaldi* (1977), *Romanceiro de Delfina* (1994) e *Romanceiro do Contestado* (1996), entre outras obras de Stella Leonardos, que faz uso de cancioneros e romances para contar os mitos e as histórias brasileiras; *A cor da terra* (1981), *Fim de um juízo* (1986), *As cantilenas do Rei-Rainha*, (1988), *Porta bandeira* (1989) e *O Jardim silencioso* (1995), de Leda Miranda Hühne, autora que utilizou e utiliza (está produzindo novo poema longo) a estrutura de poemas longos para expressar a relação humano-existencial, muitas vezes de forma bastante engajada nas questões sociais e políticas; *As marinhas* (1984), de Neide Archanjo, que, filiando-se a Fernando Pessoa e a Jorge de Lima, canta a navegação histórica portuguesa na perspectiva de uma brasileira que agrega a esse fato histórico reminiscências e reflexões que brotam do espaço privado; *Guerra entre irmãos* (1993), *Caraguatá* (1996) e *Senhora* (1999), de Raquel Naveira, que delineiam abordagens simultaneamente literárias e históricas de fatos marcantes da cultura nacional; *Helênica* (1993) e *Brasília* (1994), de Silva Jacintho, cujos poemas contemplam, respectivamente, o papel da mulher na Antiguidade e a construção da identidade nacional brasileira; e ainda *Cantares de Marília* (1998), de Teresa Cristina Meireles de Oliveira, que resgata a voz de Marília no episódio da Inconfidência Mineira e na história privada da musa de Tomás Antônio Gonzaga.<sup>1</sup> Todas essas autoras, cada qual com sua expressividade, levadas ou não por uma intencionalidade épica, contribuíram para traduzir Mito e História numa linguagem literária lírico-narrativa, longa em extensão, centrada nos planos maravilha e histórico. Entretanto, para realizar a leitura a que me propunha – a representatividade cultural do épico escrito por mulheres –, fazia-se necessário, como disse antes, dimensionar, teoricamente, os aspectos que permitiriam a

---

<sup>1</sup> O estudo desses poemas é o conteúdo do livro *Elas escrevem o épico*, publicado em 2005.

compreensão das obras não só no âmbito do épico como manifestação literária, mas, principalmente, no espaço das reflexões críticas feministas, que me permitiriam compreender esse “movimento de mulheres escritoras em direção ao épico”.

O primeiro aspecto abordado foi a relação entre o Feminismo, a Literatura e a História; o segundo, as questões da autoria e do gênero; o terceiro, a compreensão da inserção cultural dos corpos das mulheres como corpos de representação, transgressão e consolidação históricas (o que, no plano épico, coincidirá com a atuação no nível histórico-factual e a acessibilidade à condição heróica); e, o último, ao qual me reportarei mais especificamente neste breve texto, o estabelecimento de uma metodologia de investigação crítico-feminista de poemas épicos, objetivando levar ao conhecimento de quem se interesse pelo tema procedimentos teóricos plausíveis para a análise da representação cultural da poesia épica escrita por mulheres, principalmente nestes tempos híbridos, de caráter globalizado, e, paradoxalmente, multicultural, além de marcados por diferenças imanentes.

O texto literário só é um objeto cultural na medida em que circula culturalmente, assim, isolar autoria, obra e recepção, como boa parte das investigações teóricas costuma proceder, é perder a significação que as apropriações culturais do literário constroem. Por isso, para apreender o épico em sua significação densa, parece-me bastante significativo refletir nesses três níveis, buscando as articulações que definem tanto a intencionalidade literária, quanto a significação simbólica que extrapola, na obra, a própria intencionalidade, e a recepção, que, por sua vez, cria novas representações e significações culturais. Nesse sentido, parece válido investigar, respectivamente, a intencionalidade épica e feminista de escritoras que produzem poemas longos em que se notam as faces histórica e mítica (traços que definem o épico, além da dupla instância de enunciação, conforme a teoria épica de que me valho); os textos em si e suas potencialidades significativas; e a receptividade cultural que obras de caráter épico escritas por mulheres recebem.

No âmbito da intencionalidade épica e no da feminista, um recurso me parece pertinente para chegar a conclusões mais sólidas — buscar no discurso ensaístico das autoras estudadas afirmações de ordem mais pessoal (e até militante). Assim, podem ser realizadas entrevistas com as autoras ou, no caso de autoras falecidas, procurar na voz de especialistas o respaldo para a análise. Por meio desse recurso, é possível buscar possíveis

indícios de um comprometimento social da autora com a causa feminista e com a inserção da literatura produzida por mulheres na cultural ocidental. Convém, contudo, não esquecer que uma autora<sup>2</sup> pode, ou não, ter se posicionado criticamente em relação àquilo que seu texto, autonomamente, denuncia.

Assim, o fato de uma autora não manifestar, no nível do discurso comunicativo, vínculos com uma postura feminista, não impede que seu texto possa expressar contundentemente uma visão crítica e até transgressora da questão. A consciência crítica feminista, neste plano, está relacionada a uma postura política pessoal da autora que se compromete, através de um discurso próprio, a denunciar, de forma manifesta ou latente, as injunções opressoras patriarcalistas que se impõem às mulheres. Além disso, é igualmente válido observar a contribuição da autora como agente propagador da literatura escrita por mulheres, ou seja, sua consciência em termos da visibilidade dos textos literários escritos por mulheres ou seu compromisso com a inscrição dessa escritura na historiografia literária ocidental.

No âmbito das obras, ou dos textos em si, há quatro aspectos bastante relevantes: a identidade épica dos textos e a decorrente inscrição de escritoras no âmbito da produção épica ocidental; as representações do heroísmo épico — inscrito no poema como um “corpo em ação” — como modo de ratificação ou retificação histórica e afirmação ou negação da condição de “sujeito” relacionada à ação épica da heroína ou do herói; o modo como a *circularidade cultural das imagens míticas*<sup>3</sup>, quando presente nos textos, pode ratificar uma condição humano-existencial patriarcal e opressora para as mulheres; e, finalmente, o modo como a linguagem aparece estruturada, segundo parâmetros da teoria feminista lingüística.

Sobre a identificação das obras como epopéias, a primeira incursão teórica refere-se à elaboração discursiva que permeia a produção épica. Reunir poemas longos escritos por mulheres sob a categoria de “epopéias” implica destacar os parâmetros nos quais me pauto para assim identificar cada uma dessas produções. Esses parâmetros são: a identificação da presença dos planos histórico, mítico e literário; o reconhecimento da dupla instância de enunciação; a análise do percurso do herói épico ou da heroína épica. É preciso destacar

---

<sup>2</sup> Aqui falo apenas em “autora” pois defini na produção de epopéias escritas por mulheres meu principal *corpus* de investigação.

<sup>3</sup> Categoria teórica por mim criada, que se refere à seleção cultural que promove determinadas imagens míticas como representações mesmas do mito, impedindo o acesso a versões não condizentes com as práticas culturais que permeiam a circulação do mito.

que a não-intencionalidade épica não exime a possibilidade de que o texto possa ser identificado como tal, uma vez que está impressa na cultura ocidental a visão de que a expressão épica teria se esgotado poderia levar escritoras e escritoras a não processar, em nível consciente, uma “intencionalidade épica”.

Sobre o heroísmo épico e as marcas significativas de um corpo heróico em ação, é importante observar como os diversos tipos de sujeito aparecem codificados ou representados nos textos. Assim, faz-se importante um recorte que vise à compreensão de como, através da transgressão a certas imagens de heroísmo que se perpetuam na cultura a partir do vínculo referencial com as manifestações épicas que traduzem o cânone épico ocidental (escritas, em devastadora maioria, por homens), as epopéias escritas por mulheres poderão ter contribuído para a inserção da ação de sujeitos-mulheres no âmbito da História e da própria Cultura, em termos mais gerais.

Já a categoria *circularidade cultural das imagens míticas* visa auxiliar na compreensão tanto dos modos de reprodução de certas ideologias, travestidas na linguagem mítica, como das possíveis transgressões oriundas de interferências criativas sobre a concepção mítica da experiência humano-existencial.

Em relação ao uso da linguagem presente em cada poema, por não compactuar da idéia de uma *écriture féminine*, já que este conceito é dicotômico, ou seja, está sustentado pela visão que opõe o masculino racional ao feminino emocional, sugiro que se destaque, em nível das manifestações lingüísticas e semânticas, o registro subliminar de certas estruturas de significação patriarcal culturalmente arraigadas nas manifestações épicas, em especial: a manutenção ou transgressão de determinados valores semânticos impressos em termos recorrentes na produção épica, adjetivações de valor sexista relacionados a personagens épicas.

Aqui, entretanto, fala-se especificamente (mas não exclusivamente) sobre epopéias escritas por mulheres. Sobre essa opção, que soa como sexista em si mesma, dois desagравantes. Em primeiro lugar, há de se concordar que, ainda na atualidade, existem regras e conceitos tradicionais e sexistas relacionados à elaboração do discurso literário e à veiculação de obras. A contribuição crítico-feminista neste plano fica subentendida como modo de valorizar as inovações e transgressões que os textos trazem de forma a romper com o cânone literário masculino. Durante muito tempo, (e, ainda que de forma escassa,

mesmo hoje), certas temáticas e uso vocabular eram proibitivos às escritoras. A poesia épica, por exemplo, é reconhecidamente um reduto masculino. Também uma mulher que se dispusesse, no início do século, vivesse ela em que lugar do mundo fosse, a enveredar pela temática do erotismo estaria fadada à execração pública. De igual modo, não se esperava de uma escritora “excessos” nas incursões por temáticas políticas e/ou feministas. Em segundo lugar, buscando diálogos possíveis (e às vezes impossíveis), insere-se nesta proposta o estudo comparado de obras épicas escritas por homens e por mulheres, com o objetivo de contrapor índices de um discurso falocêntrico a concepções artístico-discursivas transgressoras, presentes em epopéias escritas por mulheres e por homens, visto sabermos que tanto ambos podem ratificar ou transgredir o discurso falocêntrico.

Assim, a abordagem crítica feminista, com as feições aqui discriminadas, busca destacar nos textos uma consciência crítica feminista alienada, caso o texto meramente reproduza a realidade sócio-histórico-cultural patriarcal; ou uma consciência crítica feminista integrada, quando o texto propuser uma realidade transgressora dessa ótica cultural. Esta transgressão pode estar implícita no comportamento de uma personagem, no seu discurso, na elaboração de uma trama, etc. Parece interessante, portanto, observar o potencial transgressor do épico, um texto culturalmente arraigado a concepções mais tradicionais de Cultura e História. Na investigação das epopéias, a consciência crítica feminista será identificada a partir da análise dos elementos intratextuais e extratextuais que articulam e denunciam, no nível da realidade épica, as injustiças sociais, históricas e culturais que as mulheres vêm sofrendo.

Por tudo isso, é o *lugar da diferença* que ficará registrado neste tipo de análise. E sobre esse lugar, tomo a proposta de Nelly Richard que estabelece três diferentes formas de *diferença*: a diferença entre as próprias mulheres, em que ficam corrigidas as perigosas generalizações ahistóricas que a crítica feminista pode cometer ao deixar de lado as experiências relacionadas às condições de raça, classe e etnia; a diferença entre homens e mulheres, que problematiza e reinterpreta a condição biológica-sexual face à realidade cultural; e a diferença na formação e constituição de uma identidade, levando em consideração os modos subjetivos de construção de uma identidade “masculina” ou “feminina” e as estratégias de manipulação dos códigos simbólicos e culturais que incidem sobre esse processo.

No outro extremo de todo esse processo de apreensão do objeto literário, restam as reflexões sobre as condições culturais para a recepção das epopéias em tempos de *globalização*. Nesse âmbito, as reflexões teóricas estão diretamente relacionadas às marcas culturais do meio ou dos meios por onde circulam os textos épicos.

Destacando, mais uma vez, o objetivo de contribuir para outras investigações que busquem em poemas longos, de feições épicas, fontes para reflexões sobre a condição humano-existencial das mulheres, concludo apresentando, de modo sintético, algumas sugestões metodológicas para uma análise crítico-feminista desse tipo de obra:

- a) análise da entrevista realizada com a autora e a/o especialista, com o objetivo de verificar, por meio do discurso comunicativo comum, a intencionalidade épica (ou não), a intencionalidade feminista (ou não) e, portanto, o comprometimento explícito da autora com o Feminismo (movimento) ou as filosofias feministas;
- b) abordagem semiológica, identificando nos textos as partes que compõem uma epopéia;
- c) estudo das representações do sujeito histórico, das *imagens de mundo* impressas nas epopéias e das possíveis contribuições desses textos para a revisão que busca consolidar uma Nova História pautada em parâmetros não excludentes ou não opressores, tais como a visão do *hibridismo* naquilo que possui de dimensão democrática e plural;
- d) estudo das formas de reprodução de estruturas mítico-simbólicas (geralmente falocêntricas), caracterizando o processo de *circularidade cultural das imagens míticas*;
- e) estudo comparativo, que considere cada obra enfocada no âmbito da tradição épica à qual se relaciona;
- f) identificação do uso reiterado de certas estruturas de linguagem, diante das quais é preciso problematizar a construção lingüístico-cultural do poder estabelecido;
- g) estudo das formas de recepção do texto épico em termos de abolição de fronteiras entre literário e não-literário, banalização da linguagem metafórica e aquisição de hábitos de leitura permeados pela assimilação das linguagens de massa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAMALHO, Christina. *Elas escrevem o épico*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

———. *Vozes épicas: História e Mito segundo as mulheres*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Tese de doutoramento em Ciência da Literatura, 825 p.

———. *As marinhas*, de Neide Archanjo: um mergulho luso-brasileiro. In: Brandão, Izabel & MUZART, Zahidé. *Refazendo os nós*. Florianópolis: Ed. Mulheres, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

———. Da lágrima aos cantares: epicidade e autoria feminina. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis & BEZERRA, Kátia da Costa [Orgs.]. *Gênero e representação na literatura brasileira*. Coleção mulher e literatura. v. II. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras Estudos Literários, UFMG, 2002, pp.33-42.

- . Um perfil para a heroína épica. In: *ANAIS do VII Seminário Nacional Mulher & Literatura*, Niterói: Universidade Federal Fluminense, setembro de 99, pp. 421-425.
- . A epopéia de autoria feminina. In: *Revista UNIVERSA*, Brasília: Universidade Católica de Brasília, v. 6, n. 1, fev 1998. Brasília: UCB, pp. 83-89.
- RICHARD, Nelly. *Masculino/femenino: practicas de la diferencia y cultura democrática*. Santiago: Francisco Zegers Editor, 1993.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da. *Semiotização literária do discurso*. Rio de Janeiro: Elo, 1984.
- . *Formação épica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Elo, 1987.